

Maria Emília Ramos Costa

Universidade de Lisboa

Belmiro Fernandes PEREIRA, e Marta VÁRZEAS (org.), *Retórica e Teatro. A Palavra em Acção*, Porto, Universidade do Porto, 2010. 401 pp. ISBN: 978-989-8265-32-6

Esta obra é composta por vinte e dois estudos de autores de várias nacionalidades (portuguesa, inglesa, espanhola e brasileira), onde a temática versada é a da interacção existente entre retórica e teatro quer na Antiguidade Greco-Latina (I Parte), quer do Renascimento ao séc. XX (II Parte). Integrado num projecto de seis livros sobre a influência da retórica em diversas áreas do saber, como a religião, a narrativa, a política, a poesia e a filosofia, *Retórica e Teatro* é o primeiro dessa série e, até ao momento, o único. Apesar da natureza diversa dos vários estudos reunidos neste livro (uns de carácter mais generalista, outros de carácter mais específico), é patente a relevância dada quer à teatralização na arte da retórica, quer ao estilo e à argumentação da palavra dita no teatro.

O estudo de Manuel Alexandre Júnior reflecte de forma central essa mútua influência, identificando retórica e teatro como artes fascinadas pelo poder da linguagem e preocupadas com a eficácia persuasiva do discurso, distinguindo-as por, na primeira, os oradores actuarem na vida real e, na segunda, os actores representarem em palco a imitação da realidade. Já o estudo de Marta Várzeas versa sobre as divergências entre sofistas e poetas dramáticos, quer porque aqueles pretendiam substituir a aprendizagem mimética, efectuada sobretudo através da poesia dramática, pela retórica; quer porque estes, sobretudo no final da guerra do Peloponeso, se pretenderam distanciar da retórica, encarada então como a ciência da linguagem utilizada como puro instrumento para obtenção do poder, desligada de qualquer princípio ético ou transcendente. Também o estudo de Maria de Fátima Silva cuida da alteração do modo de reflectir a retórica nos poemas trágicos entre o

início e o fim do período da democracia ateniense, mediante a análise de duas obras – *Euménides* de Ésquilo, que espelha a crença no justo poder da palavra; e *Orestes* de Eurípides, na qual é evidenciado o poder malévolo, injusto e hipócrita da palavra. Por sua vez, o estudo de Maria do Céu Fialho, mediante a análise de *Hécuba* de Eurípides, pondera a descrença da retórica retratada na poesia dramática.

Maria Fernanda Brasete, discorrendo sobre *Electra* de Eurípides, conclui que o discurso retórico utilizado nesta obra pela personagem Electra não é compatível com a realidade social da mulher nesse período histórico, totalmente dissociada do poder político e, necessariamente, do poder da palavra. Já o estudo de Manfred Kraus, mediante a análise das obras *Retórica* e *Poética* de Aristóteles, identifica os elementos comuns a ambas as artes, gêmeas da palavra dita. Antonio López Eire, por sua vez, discorre sobre as formas de teatralização quer na retórica, destacando o caso de Demóstenes, quer na poesia, incidindo na origem ritual desta. Jorge Deserto medita sobre o carácter colectivo do teatro durante o período helénico, concluindo que, apesar da actividade teatral se traduzir numa experiência de cidadania, por envolver toda a colectividade, a representação dos dramas trágicos são também a primeira manifestação do pensamento individual numa sociedade profundamente colectiva.

Juan Luis López Cruces, afastando-se do período helénico, analisa as tragédias gregas durante o período romano segundo o pensamento de Epicteto, o qual rejeitava o drama trágico por não distinguir os comportamentos que devem ser seguidos daqueles que devem ser evitados, aceitando apenas como válidas as obras de Diogénes, o Cínico, por este escrever tragédias onde essa distinção claramente se faz. Por sua vez, Manuel Ramos aborda a influência das personagens da épica homérica e da tragédia grega nos ensinamentos retóricos clássicos nas suas três vertentes (deliberativo, judicial e demonstrativo), quer por se tratar de personagens e de situações de todos conhecidas, quer por o teatro ser visto como um excelente meio de transmissão do saber.

A segunda Parte deste livro inicia-se com o estudo de Nair de Nazaré Castro Soares que incide sobre a produção dramática desenvolvida pelos jesuítas, mestres de retórica, no Colégio das Artes, em Coimbra, a partir de meados do séc. XVI, debruçando-se, posteriormente, numa

análise minuciosa das obras *Ioannes Princeps* de Diogo de Teiva e *A Castro* de António Ferreira. Prossegue com o estudo de Jorge Osório, numa análise detalhada sobre as alterações linguísticas existentes entre a primeira e a segunda versão da peça teatral *A Castro* de António Ferreira. Belmiro Fernandes Pereira salienta, por sua vez, na obra *A Action no de Eloquentia* de Tomé Correia, escrita nos finais do séc. XVI, a importância da retórica, na vertente de pronúncia e de representação, na actividade do orador. Também o estudo da Margarida Miranda espelha a importância da retórica e da representação teatral no ensino jesuíta, com o objectivo de formar bons oradores cristãos; a ele se associa o estudo de Ana Lúcia de Oliveira que pondera sobre a importância da retórica e do teatro no ensino dos jesuítas, designadamente para a cerimónia da pregação, dando relevo aos sermões do Padre António Vieira.

Peter Mack reflecte sobre o período do teatro isabelino e sobre a importância dos ensinamentos da teoria retórica na criação dramática desse período histórico. Já Jorge Bastos da Silva discorre sobre a desconfiança sentida pelos protestantes mais radicais relativamente ao teatro e à retórica, em meados do séc. XVII, em Inglaterra, por se tratarem de artes fúteis, falsas e imorais, e sobre a progressiva reabilitação das mesmas devido à sua inevitabilidade, ainda que controladas nos seus efeitos perniciosos. Francisco Chico Rico atenta sobre a importância do teatro e da retórica no séc. XVIII, através da obra de Gregorio Mayans Y Siscar, onde uma vez mais se elaboram os elementos essenciais para um bom orador.

Celina Silva analisa a retórica bélica da vanguarda na primeira metade do séc. XX mediante as obras e as actuações performativas de Almada Negreiros, recheadas de comportamentos teatrais e criações literárias marcadamente retóricas; Carlos Fiolhais medita sobre a relevância da retórica científica na arte teatral através da análise das peças *Vida de Galileu* de Brecht e *As Nuvens* de Aristófanes; e Carlos Morais, ao discorrer sobre as três versões da peça *Antígona* de António Sérgio, centraliza o seu estudo na retórica política de protesto, fundamentando as alterações sofridas nos diversos acontecimentos políticos entretanto ocorridos no Estado Novo nos anos 30, 50 e 58 do séc. XX.

Por fim, Pedro Miranda, abandonando a temática central, incide o seu estudo na importância da retórica na música em Portugal, sobretudo de cariz religioso, fazendo-se o livro acompanhar de um CD onde estão registadas várias peças de compositores portugueses dos sécs. XVI e XVII, brilhantemente interpretadas pelo grupo Ançã-ble.

O presente livro dá ao leitor uma visão histórica, política, filosófica e religiosa sobre a génese, desenvolvimento, obstáculos, vantagens e perigos de duas das artes mais relevantes na comunicação e transmissão do saber, artes essas que independentemente dos perigos que as envolvem (e que relativamente à retórica, infelizmente, a realidade política contemporânea tem continuamente demonstrado), são indissociáveis da actividade humana na sua vertente filosófica e criativa.